

Duas Formas de Catolicismo

O Processo da Romanização em Santa Catarina

Pe. José Artulino Besen
Do Instituto Histórico e Geográfico de SC
Professor de História da Igreja

1. A NOVA EVANGELIZAÇÃO DO SÉCULO DE PIO IX

O pontificado de PIO IX (1846-1878) deve ser situado em seu contexto histórico: - do *Risorgimento* italiano, que levou à unificação da Península itálica em 1870; - da unificação dos Estados alemães no poderoso Império germânico comandado pela Prússia e que incluiu um forte sentimento anti-católico coroado pelo *Kulturkampf* (1871-1887); - do *Liberalismo* político e econômico, cujas raízes se afundam na Revolução Francesa de 1789; - do *Racionalismo*, gestado no *Iluminismo* do século XVIII, e que negava o fundamento revelado do Cristianismo; - do *Nacionalismo* europeu e latino-americano, no último caso fazendo com que a Santa Sé se defrontasse com regimes laicistas, teimando em manter as estruturas do Padroado, para controlar, assim, a vida interna da Igreja nos respectivos países.

Pio IX iniciou um vasto movimento teológico, pastoral, missionário e diplomático, para manter viva e independente a estrutura da Igreja, por toda parte cerceada naquilo que julgava seus direitos históricos. A oposição sistemática dos regimes liberais fê-lo ter uma visão distorcida e amargurada do mundo moderno, que em 1870 deixou-o sozinho, tirando-lhe os Estados Pontifícios.

O *Syllabus* e a *Quanta Cura* (1864) foram documentos que delimitaram o relacionamento entre a Igreja, a ciência e o mundo. Por toda parte, Pio IX procurou reforçar a união das Igrejas locais com a Sé romana. Em 1850 fundou em Roma o Pontifício Colégio Latino-Americano, onde se formariam novas gerações de sacerdotes profundamente ligados a Roma, muitos deles posteriormente nomeados Bispos, pouco a pouco dando uma nova fisionomia a toda a Igreja na América Latina.

O **Concílio Ecumênico do Vaticano I** (1869-1870) foi o coroamento de sua obra. A definição do Primado de Jurisdição (o Romano Pontífice detém o direito primeiro e imediato sobre todas as Igrejas no mundo) e da Infalibilidade (o Papa está livre de erro quando, *ex Cathedra*, define matéria de fé e moral) foram a palavra final. Houve muitos protestos na Europa e na América Latina, da parte dos Governos: de

agora em diante perdiam qualquer possibilidade de intervir nos assuntos internos da Igreja, especialmente nas nomeações episcopais. Foi o golpe mortal no Regalismo monárquico e republicano.

O Papa estava livre para continuar a realizar seu projeto de unificar, em torno do Bispo de Roma, a Igreja Católica. E continuou a fazê-lo com a máxima energia, deixando de ouvir qualquer protesto ou sugestão crítica.

Alguns passos decisivos neste campo, que tiveram repercussão na América Latina: a reforma de antigas Ordens e Congregações religiosas, segundo o novo espírito, a fundação de muitas Congregações religiosas masculinas e femininas "romanizadas", isto é, mais "espirituais", no espírito da unidade e da centralização da vida da Igreja em torno do Papa, as novas nomeações episcopais, a criação de Seminários confiados às Ordens e Congregações romanizadas.

Pio IX, igualmente, relançou as Missões católicas, enfraquecidas desde a grande epopéia evangelizadora dos séculos XVI e XVII. Buscou que não faltasse atendimento pastoral aos milhares de imigrantes que deixavam a Europa. E, especialmente, cuidou que fossem novas Ordens e Congregações religiosas para o Continente americano, carente de sacerdotes e religiosos.

A nova espiritualidade girava em torno da triplice devoção: à Eucaristia, a Nossa Senhora e ao Santo Padre, no campo da religiosidade popular vivenciados pelo Apostolado da Oração, Congregações Marianas, Cruzada Eucarística e Pontifícia Obra da Santa Infância. A fundação destes Movimentos não é exclusiva de seu Pontificado, mas nele encontrou o grande impulso para sua

difusão. Termômetro desta nova espiritualidade é a frequência à Missa e à Confissão.

Pode-se afirmar que Pio IX, num pontificado que durou 32 anos, mudou a fisionomia pastoral e política da Igreja. O preço foi uma certa solidão no cenário internacional, a condenação sistemática de qualquer tentativa de inovação e o medo de tudo o que viesse "de fora", isto é, do mundo. Mas, a vitória das forças centripetas colaborou para o fortalecimento interno da Igreja e, especialmente, Roma tornou-se centro de pujante atividade missionária que atingiu todos os Continentes.

"No século XIX
as Missões
populares
conheceram
notável
expansão"

2. OS CAMINHOS DA ROMANIZAÇÃO EM SANTA CATARINA

Antes de tudo, é importante lembrar um aspecto da História da Igreja no Brasil: o das Missões populares, que já eram uma forma privilegiada de evangelização no contexto português (1). Esta tradição se manteve no Brasil, com a finalidade de doutrinar e reavivar a vida cristã dos batizados. No século XIX as Missões populares conheceram notável expansão, por obra especialmente dos Jesuítas restaurados e dos Padres da Missão (Vicentinos, também conhecidos como Lazaristas).

A romanização do Catolicismo em Santa Catarina não pode ser estudada sem se levar em conta a ação dos missionários e sua aceitação nos meios populares.

Os grandes evangelizadores do Brasil foram os padres da Companhia de Jesus, Ordem religiosa fundada em plena Reforma protestante, intimamente ligada ao Papa pelo quarto voto de obediência. O jesuíta é homem da Igreja e do Papa. Foram eles e os franciscanos os grandes missionários do Brasil colonial. Apesar de virem para a América sob o patrocínio e a autoridade de seus Reis, sentindo-se profundamente ligados a seus Reinos, não antepuseram o Rei na sua obediência ao Papa. Isso ficou muito claro na questão das Missões guaraníticas. Foi quando o papa ordenou sua retirada, que deixaram as Reduções.

Na sua segunda missão em Santa Catarina, chegaram em 1751, praticamente junto com os casais açorianos.

Depois da restauração da Ordem (por Pio VII, em 1814), a Província espanhola abriu uma casa no Desterro, em 1842. Nesta estadia, que durou até 1855, pregaram Missões populares: na ilha, visitaram Rio Vermelho, Lagoa, Canasvieiras, Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão, em 1843; no Continente, missionaram em São José, São Pedro de Alcântara, Enseada do Brito, Garopaba, Vila Nova, Imaruí, Tubarão, Aranguá, Laguna etc, em 1844. Eram Jesuítas da Companhia restaurada, por conseguinte, marcados pela experiência da supressão da sua Ordem, mais unidos ainda ao Papa, e certamente avessos a qualquer interferência do Governo na vida interna da Igreja, sob o regime do Padroado. E isso, antes do processo de romanização propriamente dito.

Seguiu-se a experiência missionário-apostólica da Província Romana em Santa Catarina, de 1865 a 1911, fértil na atividade missionária.

Então, a par de um Catolicismo português medieval, tivemos um Catolicismo romano e tridentino desde os inícios, através das Missões promovidas pelas Residências jesuíticas. Cremos ser este um dos fatores que explicam a rápida vitória do Catolicismo romanizado no Brasil e em Santa Catarina, aqui com o reforço das correntes imigratórias dos séculos XIX e XX, portadoras desse mesmo tipo de Catolicismo. Desde o início, o povo simples aprendeu a amar e respeitar o Papa, apesar de toda a estrutura do Padroado, que sujeitava as atividades eclesásticas primeiro à Coroa portuguesa e, depois, à Coroa do Império brasileiro.

2.1 - SANTA CATARINA, UM ESTADO PERIFÉRICO

No século XIX, Santa Catarina era um Estado periférico no contexto nacional, com uma enorme carência de povoadores. Estava praticamente vazio. Por isso mesmo, o Império patrocinou um grande movimento para atrair imigrantes que

colonizassem o território catarinense. Assim tivemos os fluxos imigratórios dos alemães, italianos e poloneses, principalmente, que deram origem a muitas cidades e povoados atuais de Santa Catarina. E, neste século, a grande imigração de gaúchos para o Oeste do Estado.

As primitivas populações, indígena, negra, cabocla, portuguesa, bandeirante, açoriana, estavam mergulhadas numa letargia social e econômica. O desenvolvimento mal tinha saído do litoral, e era pequeno no Planalto e Oeste.

O decréscimo constante no número de sacerdotes, teve como consequência a perda da vitalidade do catolicismo popular. As Irmandades, centros ao redor dos quais gravitava este Catolicismo popular, perdiam sua força aglutinadora. Com exceção de algumas comunidades litorâneas, no final do século XIX não havia mais atendimento pastoral regular no território catarinense.

No Oeste, nenhum sacerdote visitava as famílias espalhadas pelas margens dos rios Uruguai, Chapecó, Itani, Peixe.

Eram estes os sacerdotes brasileiros, em Santa Catarina, no início deste século: Pe. José Fabriciano Pereira SERPA, em Santo Antônio de Lisboa; Pe. Manoel João Luiz da SILVA, em Laguna; Pe. Antônio Francisco da NÓBREGA, em São Francisco do Sul; Pe. João Nepomuceno Manfredo LEITE, em São José.

Quando, em 1908, foi criada a Diocese de Florianópolis, era mínima a perspectiva de novos sacerdotes e houve certa resistência à nomeação de Dom João BECKER, alemão e gaúcho, para a Sé episcopal.

Já antes, porém, tinha-se encontrado uma solução a partir do movimento imigratório, o que foi desfavorável para o Catolicismo popular. Os imigrantes alemães receberam padres alemães; os italianos, padres italianos; os poloneses, padres poloneses; os ucranianos, padres ucranianos. Enorme influência foi exercida pelos franciscanos alemães, chegados em 1891, jesuítas alemães e italianos, vicentinos poloneses, dehonistas alemães, basilianos ucranianos. Todos eles, sem exceção, eram padres formados no novo espírito romanizado.

As fundações do Oeste catarinense eram assistidas pelos franciscanos alemães de Palmas e, depois, por outras Congregações, Missionários da Sagrada Família, Missionários do Sagrado Coração, Carlistas etc, também romanizadas.

Decisiva, do mesmo modo, a presença das Congregações religiosas femininas, com seu dedicado trabalho nas Escolas Paroquiais, Colégios, Hospitais, e na Catequese. Praticamente todas as Irmãs pertenciam a Congregações fundadas nos séculos XIX e XX. Duas Congregações, as Irmãzinhas da Imaculada Conceição (1890) e as Catequistas Franciscanas (1915), fundadas em território catarinense, nasceram num meio condicionado pela presença do imigrante, italiano, nos dois casos.

*"No século XIX,
Santa Catarina
era um Estado
periférico no
contexto
nacional"*

2.2 - O IMPACTO DEMOGRÁFICO DA IMIGRAÇÃO DO SÉC. XIX

A fisionomia demográfica e étnica catarinense foi sendo radicalmente alterada a partir de 1829, com a primeira imigração alemã de São Pedro de Alcântara (2), depois continuada com as fundações de Teresópolis, Colônia Militar de Angelina, Brusque, Blumenau, Joinville, Braço do Norte etc.

Depois de 1875 chegaram, aos milhares, os italianos, seguidos dos poloneses e ucranianos. Nasceram Nova Trento, Urussanga, Criciúma, Ascurra, Rodeio, Cocal, Grão-Pará, Itaiópolis, Luiz Alves...

Neste século, a ocupação do Oeste com os colonos gaúchos. Com a alteração étnica, a interação religiosa.

2.3 - O INTERLOCUTOR NÃO-CATÓLICO

Com a imigração do século XIX, emergiu outro ator no panorama religioso: o não-católico, novidade num país onde o Catolicismo fora religião oficial e exclusiva por quase 400 anos. O catolicismo popular deitava profundamente suas raízes numa sociedade católica, em pequenas comunidades unanimemente sedimentadas numa só fé, referindo-se todos a um mesmo Padroeiro. O Devocionário era patrimônio

comum e, na sua manifestação, movimentava e firmava toda a comunidade.

A entrada de outras Confissões religiosas, especialmente a luterana, acentuou no Catolicismo catarinense a característica apologética já constante no romanizado. A comunidade católica sentiu a necessidade de se afirmar e mostrar sua centralidade. A pregação do pároco, do missionário e do catequista têm em conta três

“os imigrantes católicos do séc. XIX provieram de regiões européias já atingidas pela ‘romanização’”

“inimigos” a serem exorcizados: o Protestantismo, a Maçonaria, o Espiritismo. A apologética reuniu ainda mais o católico em torno do Papa, do Bispo e do Padre.

A bem da justiça, deve ser creditada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil a ausência de qualquer espírito proselitista. Sentia-se Igreja evangélica para os alemães evangélicos e seus descendentes, não sendo movida pelo espírito de Cruzada de sua homônima, vinda dos Estados Unidos, que achava que o Brasil era um país pagão, os católicos sendo tidos na conta de pagãos e objeto de evangelização. Somente através de casamentos ou de conversões espontâneas contará “brasileiros” entre seus membros.

2.4 - A ORIGEM “ROMANIZADA” DOS IMIGRANTES

Sem exceção, os imigrantes católicos do séc. XIX provieram de regiões européias já atingidas pela “romanização”, ou melhor ainda, os imigrantes já eram da Igreja tridentina, que se implantou definitivamente na América Latina somen-

te em 1899, com o Concílio Plenário Latino-Americano em Roma, convocado por LEÃO XIII. Igualmente os colonos do Oeste catarinense, fruto do atendimento pastoral dos jesuítas alemães e italianos e dos capuchinhos italianos, nas velhas colônias riograndenses.

2.5 - UM CATOLICISMO MEDIEVAL

O primeiro Catolicismo catarinense, recebido dos imigrantes portugueses, bandeirantes paulistas e açorianos, era de matriz medieval. Características principais: a Irmandade, para cultuar o Santo protetor, sob o controle leigo, a festa, a reza, a espontaneidade, a vivência cristã comunitária em momentos fortes do ano, como a Quaresma, o Natal, o Pentecostes, a Festa do Padroeiro, o ciclo que acompanhava a morte de alguém (velório, sepultamento, sétimo dia, coberta da alma). Fora disso, o “tempo comum”, em que o cristão, já abastecido, não sentia a necessidade de procurar a Igreja. O devocionário era vivido mais no recesso do lar. Um Cristianismo normalmente privado e individual, não sendo muito levada em consideração a prática da assistência à Missa e da Confissão. Era grande a queixa de que o povo “brasileiro” não se confessava e não ia à Missa.

Quando se fundaram as primeiras Irmandades em Santa Catarina - em meados do século XVIII - seu período áureo já tinha passado. Estudos demonstram que, tanto em Portugal como em Salvador e Minas Gerais, a época das Irmandades imponentes, ricas e ativas, conhecera o início da decadência em meados do século XVIII, por força da decadência econômica das Capitânicas e do próprio Reino português. Por um lado, o empobrecimento da população tornava precária a manutenção do fausto e das obras assistenciais por elas criadas. Ficou até difícil preencher os quadros da Provedoria, tanto em Portugal como no Brasil. As anuidades foram rebaixadas para possibilitar a inscrição de novos Irmãos. Por outro lado, as Irmandades estavam identificadas com o *Ancien Régime*, isto é, com o Absolutismo real, que delas se servia para controlar a vida na Colônia. Os ideais que triunfaram na Revolução Francesa de 1789 derrubaram o Trono e, juntamente com ele, o Altar. Isto repercutiu nos espíritos liberais, tanto em Portugal como no Brasil.

Desta forma, a introdução das Irmandades em Santa Catarina se caracterizou pela sua popularidade e simplicidade. Imitamos rituais antigos, mas sem o esplendor que supunham (3). Além disso, num Estado periférico e pouco povoado, não havia lugar para o “esplendor” religioso.

2.6 - O PÁROCO, CENTRO DO CATOLICISMO ROMANIZADO

O Catolicismo romanizado era vivido em torno do pároco. Em lugar da Irmandade, a Fábrica, sob a presidência do vigário, administrava os negócios da Igreja. O conhecimento religioso era obtido através da catequese e vivido na prática sacramental da participação na confissão e na missa. A festa era meio de obtenção de recursos para a manutenção das obras paroquiais.

Ponto fundamental para a identificação do católico “praticante” era a participação na Missa e a Confissão e Comunhão frequentes.

As devoções se deslocam para o Rosário, o mês de Maio, a Primeira sexta-feira do mês, o culto dominical, a

piedade eucarística, que dava aos colonos a oportunidade de se encontrarem também para negócios, namoros, troca de notícias, após uma semana vivida distantes uns dos outros, cada um na sua roça. Se antes o Santo resolvia tudo através do oferecimento e pagamento de Promessas, agora as situações difíceis vão ser resolvidas com o aconselhamento do vigário, com suas bênçãos e sugestões de orações.

Uma verdade não pode ser esquecida: o Catolicismo romanizado possibilitou aos colonos a vivência comunitária semanal, o sentido da solidariedade, a busca de soluções para os problemas cotidianos. O sistema de Capelas fomentou a formação de comunidades eclesiais solidárias.

Outra consideração se impõe: os imigrantes foram obrigados a fazer sua vida, sem muita proteção governamental. Isso favoreceu seu enquistamento cultural e religioso no conjunto da população catarinense. Neste isolamento, dois elementos foram decisivos: a religião católica e a língua de origem. Ambas lhes recordavam a Pátria deixada e não os deixavam desenraizados. Imediatamente após sua chegada, duas preocupações: a construção de uma capela e de uma escola. O padre, neste contexto, era o elo de ligação. A escola pertencia à estrutura paroquial (4). Língua e fé lhes deram forças para vencer numa situação adversa.

Com esta preocupação religiosa, logo receberam sacerdotes que os assistissem. E estes, na falta do sacerdote "brasileiro", assumiram o atendimento a toda a população. O enquistamento cultural, econômico e religioso, fez com que o Catolicismo popular e suas manifestações fossem vistos como "religião de brasileiro".

2.7 - A ACEITAÇÃO GERAL DO NOVO CATOLICISMO

Em linhas gerais, o padre alemão, italiano e polonês, não encontrou grande reação no trabalho junto às populações históricas. Muitos dos conflitos devem ser situados na competição de lideranças políticas e econômicas, que vêm a influência lhes escorregar pelos dedos com a presença de sacerdotes preocupados com suas comunidades, que notam que o imigrante procura no âmbito da igreja a solução para seus problemas.

As divergências surgem por ocasião das festas, das novenas populares, das Bandeiras do Divino, cujo significado o padre estrangeiro não entende e, por isso, procura "catequizar".

Outro ponto de discórdia foi a controvérsia sobre a autonomia das Irmandades, especialmente no campo administrativo, máxime na Ilha de Santa Catarina e no litoral catarinense. Provedor e Pároco entraram em conflito pelo poder sobre os negócios da igreja matriz. A Irmandade quer a festa e o pároco sente a necessidade de garantir a manutenção das obras paroquiais.

"Outro ponto de discórdia foi a controvérsia sobre a autonomia das Irmandades"

Dom Joaquim Domingues DE OLIVEIRA, segundo Bispo e 1º Arcebispo de Florianópolis (1914-1967), travou notável batalha jurídica com a Irmandade do Senhor dos Passos, proprietária e mantenedora do Hospital de Caridade da capital. Chegou a contratar famoso advogado no Rio de Janeiro, especialista na jurisprudência do Padroado. Era o Direito Canônico em luta com o Direito Imperial. Foi na segunda década deste século. E estava em jogo apenas o direito que Dom Joaquim julgava ter - e tinha, pelo Direito Eclesiástico - de *confirmar* a eleição da Provedoria, que por costume apenas *comunicava* o fato. A controvérsia teve início quando o Bispo respondeu com os termos: "Recebi a comunicação e aprovo a eleição da Provedoria". Nesta peleja entre fortes, após três anos, vence a Irmandade. Ao Bispo cabia responder: "Recebi e *agradeço* a comunicação da eleição".

Normalmente, porém, as Irmandades foram fracas e se tornaram apêndices mal vistos na nova estrutura paroquial. As que sobreviveram fortes, foi pelo fato de terem-se adaptado à nova situação, assumindo um estilo de vida independente da estrutura paroquial, especialmente mantendo obras caritativas e assistenciais.

Há uma mudança de endereço: nas paróquias de origem açoriana, as mulheres vão pertencer ao Apostolado, e os homens, à Irmandade. Outra mudança: a igreja do Catolicismo popular era governada pelos homens; na igreja romanizada, a mulher tem funções mais abrangentes, pois ela é catequista, rezadora, entoadora dos cantos. É bom lembrar, também, que no Catolicismo romanizado os homens normalmente participam das funções religiosas, parte agora indicativa da vida católica.

No planalto de Lages, não atingido por correntes significativas de imigração, o impacto foi maior. Ali o Catolicismo chegou na forma portuguesa existente em Sorocaba, no interior paulista. Como não existia um grupo humano romanizado, os Frades eram vozes solitárias na implantação do novo Catolicismo no meio de comunidades de fazendeiros e caboclos. Frei Rogério NEUHAUS OFM (1863-1934) não teria condições de captar o espírito que galvanizava a ação dos crentes de "São" João Maria. Seu diálogo com o Monge foi um diálogo de surdos. Mas é significativo que o caboclo cultue as duas figuras, referenciais para sua vida religiosa: "São" João Maria e o "Santo" Frei Rogério, cremos até que com o predomínio deste último. Numa de suas visitas no sertão de Lages, Dom Joaquim, após catequese apropriada sobre a Eucaristia, perguntou: "*Após a Consagração, o que está na Hóstia?*" Após muito silêncio e dúvida, um caboclo respondeu: "*Eu não posso imaginar quem seja, mas, se há alguém, só pode ser o nosso Santo Frei Rogério!*" (5)

Apesar dos conflitos, até normais na atividade humana, foi heróica e benéfica a ação religiosa e civilizadora dos Frades, vindos da Saxônia para os sertões de Lages, Curitiba, Campos Novos, Canoinhas, Mafra e, mais tarde, para o vale do rio do Peixe. Tenha-se presente um dado real: não havia outra opção. Não existia mais um Clero autenticamente catarinense.

Os franciscanos de Palmas, que percorreram o Oeste desde inícios deste século, depois passaram a visitá-lo a chamado dos colonos gaúchos, que não concebiam povoado sem capela e missa. Marginalmente se defrontaram com as populações indígenas e caboclas, completamente abandonadas, ou seja, ignoradas pela Igreja.

3. O PROCESSO VITORIOSO DA ROMANIZAÇÃO

Dom José de Camargo BARROS, primeiro Bispo de Curitiba (1894-1904), cuja diocese abrangia os Estados do Paraná e Santa Catarina, com sua grande competência e capacidade de trabalho, visitou toda a Diocese duas vezes (1895 e 1902), buscando realizar uma verdadeira reforma na vida religiosa. No seu Relatório para a Visita *ad Limina*, exarado aos 10 de abril de 1899, escreveu: "*Há pouca valorização dos Sacramentos e do culto público à Santíssima Eucaristia. Promovi a devoção à Santíssima Eucaristia, o Apostolado da Oração (3.000 associados em Curitiba). Procurei estimular o Apostolado da Oração em mais Paróquias, e seus frutos são magníficos. Promovi também as Conferências de São Vicente de Paulo para o atendimento aos pobres, com belíssimos frutos. Fundei as Filhas de Maria, com comunhão mensal*" (6).

Dom José preocupou-se muito com a situação dos sacerdotes e com o atendimento aos imigrantes. Buscou caminhos a fim de que ninguém ficasse sem os Sacramentos. Um grande reformador. Morreu heroicamente, como Arcebispo de São Paulo, sepultado nas águas do Mediterrâneo, quando trazia imigrantes italianos no navio "Sirio", que naufragou, em 4 de agosto de 1906. Cedeu seu salva-vidas, num gesto heroico de caridade.

3.1 - PRIMEIRO ATENDIMENTO AOS IMIGRANTES

Os colonos alemães de Blumenau, Joinville, Brusque, Teresópolis, desde o início tiveram atendimento pastoral da parte dos sacerdotes que vieram para esse fim. Podemos citar os padres José Maria JACOBS, Carlos José BOEGER-SHAUSEN, Alberto GATTONE, João FRITSCH, Guilherme ROER. Alemães para alemães. A partir de 1890, dois poloneses, João PETERS e Cesário WYSZINSKI e, depois de 1904, os padres poloneses da Congregação da Missão (Vicentinos), atendem os imigrantes polacos.

Em seguida à chegada do Pe. Francisco TOPP, em 1890, teve-se o atendimento das Missões de Münster e Turim, para os colonos alemães e italianos, respectivamente (7). Os católicos do rito ucraniano receberam padres diocesanos da Ucrânia, não bem aceitos por serem casados e, depois, sacerdotes da Ordem de São Basílio Magno.

Para a restauração da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil, em 1891 começaram a residir em Teresópolis franciscanos alemães da Província de Santa Cruz da Saxônia. Os jesuítas se fixaram em Nova Trento e em Florianópolis. Em 1903 chegaram os Padres da Congregação do Sagrado Coração de Jesus - Dehonianos - que atenderam às paróquias do litoral e depois se fixaram na região de Brusque, Vargem do Cedro e Corupá. Os Padres salesianos, italianos, vieram para o atendimento aos colonos de Ascurra, Rodeio, Rio do Sul, Luiz Alves. Os Missionários da Consolata, italianos, para Rio do Oeste. Os Carlistas, italianos, assumem paróquias no Planalto e no Oeste. Os Missionários da Sagrada Família, alemães, no Oeste. Os capuchinhos, italianos, no vale do Rio do Peixe. Isto, sem esquecermos os padres diocesanos estrangeiros que assumem paróquias por todo o Estado.

Uma conclusão se impõe: não havia Clero catarinense suficiente para o atendimento pastoral a tantas colônias que surgem em poucos anos! Todos esses sacerdotes, deixando de lado preocupações puramente étnicas, se colocaram a serviço de toda a população catarinense. Neste novo contato, não conseguiram captar o "espírito" católico catarinense autóctone, que julgavam não ser bom sem o Apostolado da Oração, a confissão e a comunhão freqüentes.

Dom José de Camargo BARROS, no seu já citado Relatório para a Visita *ad Limina* de 1899 (8), assim se expressa: "*poucas são as Irmandades nesta Diocese; quase todas estão decadentes; são deficientes na ação e não estão imbuidas de verdadeiro espírito religioso*". E um desabafo: "*De todas as que visitei, nenhuma me apresentou as contas!*", esquecendo o Bispo que as Irmandades eram ciosas de sua laicidade. Na verdade, as Irmandades eram muitas; natural que não apresentassem mais o vigor de outros decênios, vítimas que foram da estagnação geral do Estado, da pobreza de seus moradores, da falta de sacerdotes.

O Pe. Luiz ROSSI SJ (1852-1921), co-fundador das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (1890), Diretor Espiritual de Madre Paulina, verdadeiro sábio e santo, nas correspondências retrata esta visão negativa. Numa carta à sua irmã religiosa no Mosteiro de Forlì, a 9 de março de 1895 escreve: "*Estou aqui em Nova Trento, numa Residência que, por graça, tem o nome de Sagrado Coração. Estou entre os tiroleses, a melhor gente do mundo, entre os quais não poucas almas tendem à perfeição*". Um pouco adiante, o contraste: "*A paróquia de Tijucas é como um espinho no meu coração, porque não é boa como Nova Trento. Entre 13 mil almas, talvez umas 80 se confessem na próxima Primeira Sexta-feira do mês. Não sei quantas são as comunhões pela Páscoa. Antes existia ali um padre secular como pároco* (9). *Levou dois tiros e correram com ele. É verdade que era um pobre desgraçado, mas não deviam tratá-lo assim*" (10).

Numa outra carta (11), narrando os acontecimentos ocorridos durante a Visita Pastoral de Dom José de Camargo BARROS, em 1895, refere-se ao Desterro: "*A única reliquia das práticas religiosas promovidas pelos padres jesuítas entre este povo, era o mês de Maio. Num dos altares laterais da igreja matriz da cidade, atraindo os olhos da alma devota uma belíssima imagem da Virgem de Lourdes, coberta, segundo o costume local, por um finíssimo véu, branco como a neve, e toda circundada de flores belíssimas, pois as floreiras do Desterro são muito mais hábeis do que podeis imaginar*". Pe. ROSSI prega nas novenas de Maio e, no meio da Visita do bispo, uma sugestão: "*Propus que logo viesse do Rio de Janeiro uma bela imagem do Coração de Jesus, na igreja matriz, ao mesmo tempo reorganizando o Apostolado*

"pregador cheio de recursos, incansável, Pe. CYBEO dedicou-se às Missões populares"

da Oração, já morto". A imagem é encomendada e depois benta pelo próprio Dom José em 16 de junho.

3.2 - O TRABALHO MISSIONÁRIO

Analisa-se pouco a importância dos missionários, e sua aceitação popular, no contexto religioso catarinense. O Pe. João Maria CYBEO SJ (1837-1925), permaneceu em Florianópolis e Nova Trento desde 1868 até sua morte, e é uma das figuras fundamentais para a compreensão do sucesso do novo Catolicismo em Santa Catarina. Inicialmente foi professor no Colégio São Salvador, no Desterro, e aproveitava os fins de semana e férias para missionar pelos arredores. Depois tornou-se missionário de tempo integral.

As Missões que pregou recordaram aos mais velhos as outras Missões, pregadas pelos jesuítas da Missão espanhola no Desterro (1843-1855). Ele mesmo descreve este ministério: "*Nas férias e tempos livres procuramos fazer um pouco de bem nos arredores do Colégio. O pároco nos dá plena liberdade: pregamos e confessamos nas igrejas, cárceres etc. Pela Páscoa os presos cumpriram o preceito pascal, e desde então passaram a rezar o Rosário, em comum. Há grandes preconceitos sobre a confissão. Uma boa senhora costumava falar assim: 'Eu nunca vou me confessar com sacerdote algum, nem com o Bispo, nem com o Cardeal, nem com o Papa'... Provavelmente ela não sabia o que era confissão, porque depois confessou-se*" (12). Jesuíta fogoso e entusiasta, pregador cheio de recursos, incansável, Pe. CYBEO dedicou-se às Missões populares, que tanta influência tiveram na população brasileira desde os tempos coloniais.

Corajoso, destemido, orador de recursos, convincente, por mais de meio século entregou-se às Santas Missões, marcando indelevelmente, por onde passou, a religiosidade das pessoas.

Em 1869 iniciou as Missões em Porto Belo. Depois escreveu: "*O missionário, dizia o povo de Porto Belo, é um dissoluto, prega por ocasião das eleições, excomunga os partidos contrários ao seu, ensina doutrinas falsas e perversas etc*". No início, a apatia geral, com pouca frequência. Mas depois, os corações foram tocados, e Pe. CYBEO tinha de passar doze horas por dia no confessionário, atendendo gente de toda a redondeza, alguns andando seis horas a pé, de Camboriú a Tijucas. Ao sair da igreja, a multidão o rodeava, reclamando que esperava há mais de três dias para poder se confessar.

Missionou pelos três Estados do Sul, deixando tal fama que o nome de Pe. João era sinônimo de Santo. Doentio, quase não podia andar a cavalo. O povo gostava, pois assim se revesava para carregá-lo às costas. Havia até promessa de "carregar Pe. João"... Terminada uma Missão, preparava-se para outra, deixando imensas saudades em todos. As Missões do Pe. CYBEO duravam de duas semanas a um mês.

O programa diário: "*Levantar-se cedo, preparar a sacristia e tocar o Angelus. Aberta a porta da igreja (4 ou 5 da manhã), entro (Pe. CYBEO) imediatamente no confessionário. Às 6 horas, quando somos em dois, a primeira Missa. Depois continuam as confissões até a Missa da*

Missão, às 9, durante a qual se reza o terço. Depois da Missa, um sermão, rápido lanche, muitas vezes na sacristia. Em seguida, confessionário até as 13 ou 14 horas. Então almoço e catecismo para as crianças. Findo este, confissões até o sermão da tarde. A seguir, cantos, Bênção e instrução para bem confessar-se. As mulheres vão para casa, ficando os homens para as confissões, até as 23 ou 24 horas. Finalmente os missionários vão repousar umas quatro ou cinco horas, para no dia seguinte recomeçar" (13).

Em 1872 escrevia: "*Das Cinzas até hoje, 31 de julho, eu e o Pe. Schembri, confessamos 6.100 pessoas*". E em 1873: "*Eis o resultado de uma só Missão, de poucos dias: 597 confissões, 754 crismas, 56 batismos e 32 matrimônios, dos quais 16 revalidados*".

Em 1874 caiu a tempestade sobre ambos os missionários. Pe. SCHEMBRI foi expulso, indo para as Guianas, e Pe. CYBEO foi preso no Desterro, sob a acusação de sublevar o povo contra as autoridades. (Era o mau humor do Império contra todos os religiosos!) Preso num quarto, ali ergueu um altar e celebrou o mês de Maio e a festa do Coração de Jesus. Depois foi levado para a Residência do Desterro, proibido de realizar qualquer função. Pe. CYBEO não obedeceu e, nos quatro meses de prisão domiciliar, ministrou 530 confissões, 495 comunhões, 101 batismos e 14 matrimônios, 7 revalidados. Libertado a 12 de dezembro, foi para Nova Trento, onde fundou a Residência local dos Padres jesuítas.

Entre 1872 e 1879 percorreu toda a Colônia Blumenau,

entre os alemães e italianos, no mesmo período visitando as comunidades de Itajaí; por dois anos manteve uma residência missionária nos sertões de Ilhota; em 1875, Missões na região de Lages; há lançamento de batizados realizados por ele e pelo Pe. Augusto SERVANZI nos Livros de Batizados da paróquia de Curitibaanos, durante as Missões nos anos de 1880-1881; retorno ao Planalto catarinense em 1890; em 1876 já missionara junto aos italianos nas cercanias de Curitiba; novamente, na mesma região, nos anos de 1898-1899. Fora isso, Missões populares em toda a Ilha de Santa Catarina e nas vilas açorianas do litoral.

Já velho, com o nome de "nosso Santo", foi proibido de pregar Missões. Poucos dias antes da morte foi ao Santuário

de Nossa Senhora do Bom Socorro, em Nova Trento, e lá demorou-se mais de uma semana em oração e contemplação. No dia 14 de março de 1925 celebrou a Missa aos pés da Santa. Orou mais ainda e, feliz, voltou para casa. Pelas 19 horas sentou-se à mesa para a ceia. Seus olhos escureceram e teve um desmaio. Duas horas depois expirava, proferindo os nomes de Jesus, Maria e José. Funerais concorridos e sentidos. O choro era geral: "*Morreu o nosso Santo!*" (14)

E outros jesuítas, com o mesmo espírito, entregaram-se ao trabalho: os Padres ANDREASSI, SERVANZI, SCHEMBRI, PLEBANI, ROSSI, CERVELLI, todos da Missão romana, iniciada em Florianópolis e continuada em Nova Trento, dedicavam-se a esse apostolado.

Fazia parte desta nova espiritualidade: a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, com a fundação de núcleos do Apostolado da Oração, a devoção a Nossa Senhora, com ponto alto no mês de Maio, a prática das nove Primeiras Sextas-feiras do mês, a confissão e comunhão frequentes, a Bênção do Santíssimo Sacramento. Tudo para "salvar a alma".

Os Frades franciscanos tiveram seus grandes missionários, no mesmo espírito, percorrendo todo o Estado de Santa Catarina. Ao chegarem ao Estado, em 1891, sua primeira preocupação foi a Missão geral. As paróquias que assumiram, Lages, Curitiba, Campos Novos, Palmas (incluindo o Oeste catarinense), Blumenau, Gaspar, Desterro, eram centros de ampla atividade missionária. Em suas paróquias sempre criaram a Ordem Terceira, para a espiritualidade leiga, suplantando as Irmandades. Acompanhavam os Bispos em suas Visitas Pastorais.

Os padres poloneses da Congregação da Missão, no Estado desde 1904 para atendimento de todas as colônias polacas, difundiram a devoção ao Sagrado Coração, à Medalha Milagrosa, a Confraria do Rosário Vivo, além das devoções da Pátria polonesa *semper fidelis*: o *Gorzkie Zale* da Quaresma, as Ladainhas e Procissões deprecatórias, os piedosos *Nieszpory* com a Bênção do Santíssimo Sacramento.

Desde Dom José de Camargo BARROS, passando por Dom Duarte Leopoldo e SILVA, Dom João BECKER, e Dom Joaquim Domingues DE OLIVEIRA, as Missões antecediam e integravam as Visitas Pastorais. Criavam um novo clima religioso, mais participativo e sacramental. Depois, no Livro Tombo, o Bispo fazia as observações que achava necessárias para um maior afervoramento dos cristãos.

4. O ENCONTRO DAS DUAS FORMAS DO CATOLICISMO

A partir de 1917, tem início a série de ordenações sacerdotais de filhos e descendentes de imigrantes. Mantinham o espírito dos imigrantes, mas passaram a conviver com as populações brasileiras, sentir suas reações, buscando a convivência de um Catolicismo clerical com outro, mais laical. Preparou-se, assim, a síntese final.

4.1 - AS PERSONALIDADES EPISCOPAIS

Neste contexto foi salutar a figura do segundo Bispo e primeiro Arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues DE OLIVEIRA (1878-1967), no múnus episcopal por mais de 50 anos, de 1914 a 1967! Dom Joaquim, português de nascimento, estudou no Seminário de São Paulo, centro principal da romanização do Catolicismo no Brasil. *Conde Romano* e Doutor em Cânones, foi rigoroso na aplicação das normas jurídicas na vida interna de sua grei. Mas, por uma dessas casualidades históricas, tinha grande dificuldade de relacionamento com os padres alemães e italianos, sendo a recíproca verdadeira. Nos atritos com as Irmandades - salvo o caso da Irmandade do Senhor dos Passos, já citada - cumpria a lei, mas tendia à compreensão, se o Pároco atritante fosse "de origem". Valorizava as formas populares de manifestação religiosa, nas quais era colocado como centro e visita máxima, o que, aliás, fazia parte da tradição religiosa: o padre é convidado da Irmandade; faz seu serviço, recebe as honras, e vai embora. Uma visita do Bispo era isso: chegava,

recebia as honras, e ia embora. O Catolicismo açórico-português, até por uma questão de etnia, pulsava no coração de Dom Joaquim.

Em Lages, de 1929 a 1973, a figura popular e carismática de Dom Daniel HOSTIN OFM, que sabia dialogar com o coração caboclo do Planalto. Espírito genuinamente missionário, comunicativo, acreditava na bondade das pessoas, e não era de estar muito preocupado com exigências legais. Dom Daniel calou fundo na alma lageana, e tornou possível a vivência religiosa popular numa estrutura já clericalizada.

Dom Pio DE FREITAS CM, mineiro de Campina Grande, Bispo de Joinville de 1929 a 1955, asceta e santo, não enfrentou tanto o confronto com a religiosidade popular, pois sua Diocese, abstraindo-se as Paróquias litorâneas (São Francisco do Sul, Araquari, e Barra Velha), era uma Diocese de imigrantes alemães e italianos.

Foram estes três Bispos que fizeram a ponte entre o Catolicismo romanizado e o popular, possibilitando o nascimento de um novo Catolicismo, também popular, consequência da união das duas formas. Em seus longos pastores, souberam administrar os conflitos entre os padres e o povo, buscando, segundo a tradição do Episcopado católico, o meio termo.

Destarte, aquilo que até a década de 30 se apresentava como "moderno" transformou-se, foi popularizado, e se estabeleceu como "Catolicismo popular". Nada mais popular, portanto, do que ser do Apostolado da Oração, da Cruzada, da Congregação Mariana, das Filhas de Maria, participar do mês de Maio, da Primeira Sexta-feira do mês.

É indicativo desse encontro das duas formas a devoção simultânea do caboclo da serra pelos dois "Santos": Frei Rogério e o Monge João Maria. Representam religiosidades opostas, mas o povo os colocou juntos.

Como palavra conclusiva: este novo Catolicismo, agora popularizado e dominante, passou a conviver com as populações marginalizadas, com as culturas marginalizadas do negro, do caboclo, do índio, do pescador. Esses pobres do novo sistema não foram englobados na nova pastoral. Mantiveram sua religiosidade, na Igreja contentando-se com o Batismo.

5. CRISE DA RELIGIOSIDADE POPULAR

As Constituições, Decretos e Declarações do Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965) tinham como endereço uma ampla reforma da vida interna da Igreja e de suas relações com o mundo. Após décadas de fixidez mas pipocantes de mudanças, os Padres conciliares fizeram o possível para que a Igreja continuasse, com meios apropriados e mais segurança, sua missão evangelizadora.

Os anseios respondidos pelo Concílio se orientavam mais para a problemática européia, já se deparando com a crise da modernidade.

*"as Missões
antecediam e
integravam as
visitas
Pastorais"*

Acontece que as resoluções conciliares, pelo entusiasmo que despertaram, foram aplicadas quase do mesmo modo no Primeiro e no Terceiro Mundo. A Eclesiologia do "Povo de Deus", muitas vezes, desconsiderou o povo. O mesmo se deu no tocante à reforma litúrgica, fruto do retorno às fontes do Cristianismo, acentuando a centralidade de Cristo em todo o mistério da celebração cristã. Os cursos de atualização levaram os agentes de pastoral a buscar novas formas celebrativas, talvez muito cerebrais, que logo passaram a ser as únicas dignas dos novos tempos.

E é nesta hora que o Catolicismo popular sofrerá um golpe quase fatal. Podemos dizer que a incorreta aplicação da reforma litúrgica, no sentido modernizante e iluminado, **prejudicou mais o Catolicismo popular que todo o processo de Romanização**, a tal ponto que as massas populares

**"é nesta
hora que o
Catolicismo
popular
sofrerá um
golpe quase
fatal"**

se sentiam participantes de uma outra Igreja. Julgaram mesmo ter sido fundada uma "nova" Igreja.

As antigas lideranças comunitárias foram marginalizadas. Os Santos, colocados de lado, suas imagens, retiradas dos altares. O colorido das celebrações, com suas procissões e cantos, foi substituído por altos momentos de "reflexão", para não dizer, de falação. As Associações que, bem

ou mal, já faziam parte do cotidiano do Catolicismo popular, como o Apostolado da Oração, as Congregações Marianas, as Cruzadas Eucarísticas, as Legiões de Maria, deixadas de lado, ecos que eram de uma Igreja "antiga". Os pobres quase perderam a coragem de se expressar através de suas Rezas e Promessas, consideradas como restos supersticiosos de uma antiga religiosidade.

Pesquisas bem fundamentadas revelaram que muitas deserções para seitas pentecostais tiveram como causa a busca da antiga moral católica, do compadrio, da familiaridade oferecida por estas novas formas religiosas. A busca, em si justa, da "qualidade" dos membros, foi confundida com qualidade de conhecimento e, assim, a velha religiosidade sofreu o mesmo epíteto de "superstição" e "ignorância" dado às formas tradicionais do Catolicismo do final do século XIX a meados deste.

Os Santuários e as Peregrinações foram o estuário por onde desaguou a massa dos confundidos pelo novo tempo.

No final da década de 70 a Igreja, movida pela necessidade de reconquistar os "simples", buscou a revalorização do Catolicismo popular, através de pesquisas, estudos, da atualização das formas populares de expressão religiosa.

No dinamismo da História se situa, igualmente, o dinamismo da religiosidade popular. A modernidade, o êxodo rural, as migrações, fazem nascer um novo Catolicismo, também aqui em Santa Catarina. As novas exigências espirituais do homem desafiam a Igreja a encontrar respostas que o satisfaçam dentro da própria Igreja.

NOTAS

(1) SANTOS, Eugênio dos, *As Missões populares como forma de Evangelização privilegiada no contexto cultural português*, CELAM-PUCPr, Simpósio sobre a Evangelização na América Latina, Curitiba, 1990, texto xerocado

(2) REITZ, Raulino, *Santa Bárbara, primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina*, Edit. da UFSC, Florianópolis, 1992. Obra completada e revista por BESEN, José Artulino

(3) BOSCHI, Caio C., *As diretrizes metropolitanas, a realidade colonial e as Irmandades mineiras*, in Revista Brasileira de Estudos Políticos, UFMG, n. 65, julho de 1987, p. 131-151

(4) Em 1992, o Prof. Moacir HEERDT defendeu sua tese de Mestrado junto à UFSC sobre o tema *Escolas Paroquiais*. O Prof. Celestino SACHET escreveu, igualmente, significativas páginas sobre a importância da religião e da língua na vida do imigrante.

(5) Fato narrado por Dom Afonso NIEHUES ao autor, em 1985

(6) Relatório para a Visita *ad Limina* de 1899, escrito por Dom José de Camargo BARROS a 10 de abril de 1899 e apresentado ao papa Leão XIII a 21 de junho do mesmo ano. Arquivo Histórico da Arquidiocese de Curitiba. Nossa tradução do texto latino.

(7) BESEN, José Artulino, *Mons. Francisco Topp, o institucionalizador da Igreja catarinense*, in ENCONTROS TEOLÓGICOS, revista do ITESC, n. 9 (1990/2), p. 27-32. Idem, *Monsignore Francisco Xavier Topp aus Warendorf (1854-1925) - Missionar und Organisator der Kirche im Bundesstaat Santa Catarina/Brasilien*, in *Warendorfer Schriften* 21-24, 1991-1994

(8) Cópia no Arquivo da Arquidiocese de Curitiba. Nossa tradução do texto latino

(9) Pe. Manoel Miranda CRUZ, fundador do Clube Republicano de Tijucas.

(10) Carta no Arquivo Geral da Companhia de Jesus, em Roma. Texto em italiano

(11) Carta do Pe. Luiz ROSSI à sua irmã, em 3 de julho de 1895, guardada no Arquivo Geral da Companhia de Jesus, em Roma. Nossa tradução do texto italiano

(12) Carta a amigos de Vals, sem data, transcrita nas Crônicas da Residência de Nova Trento. Nossa tradução do texto italiano

(13) Carta a amigos, sem data, transcrita nas Crônicas da Residência de Nova Trento. Nossa tradução do texto italiano

(14) Crônica do Pe. Guido DEL TORO SJ, nas Crônicas da Residência de Nova Trento

Endereço do Autor:

*Catedral Metropolitana
Casa Paroquial
rua Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC*